



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMUNICAÇÃO ORAL

COM DOIS TE BOTARAM, COM TRÊS EU TE TIRO: TRADIÇÃO E ORALIDADE DAS IRMÃS REZADEIRAS JÚLIA BEZERRA (JÚLIA NECO) E MARIA SANTINA (NOQUINHA).

Ivo Fernandes de Sousa *UFCG**

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo principal analisar a importância da oralidade como fonte para o estudo da tradição das rezadeiras, aqui representada pelas irmãs Júlia Bezerra conhecida na comunidade como Júlia Neco e Maria Bezerra, mais conhecida como dona *Noquinha*, ambas residente no município de Salgadinho – PB, onde nessa localidade estiveram durante as décadas de setenta a noventa o ofício de rezadeira e por meio dessas práticas conquistaram uma grande admiração não só da população local, mas de pessoas de municípios vizinhos, devido a sua fama era comum ir as suas respectivas residências pessoas de outros municípios como Taperoá e Assunção; percebemos aqui como a teia de poder que envolve essas mulheres podem ser ampla. Sendo assim analisaremos esses relatos aqui por meio do conceito de cultura popular, pois o ofício da rezadeira é uma manifestação dessas tradições populares, que permanece na memória da comunidade local, por isso recorreremos às fontes orais nessa pesquisa, para tentar compreender os aspectos relacionados às práticas desenvolvidas por essas rezadeiras, é nesse universo do sagrado feminino que iremos percorrer por meio de nossa pesquisa tentando desvendar como essas mulheres aprenderam esse ofício, como elas colocavam em exercício esse saber e como a comunidade recepcionava esses saberes.

Palavra – chaves: Rezadeiras. Saberes. Oralidade.

ARTIGO

Desde a antiguidade o ser humano buscou no divino a cura para os males que o afligia. Inúmeros são os ritos de curas ao longo do tempo nas mais variadas culturas, alguns desapareceram, outros ainda estão presentes hoje como chás, garrafadas, beberagens, rezas e etc. isso evidencia como a humanidade associou determinados usos a





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

ritos de cura. Nesse artigo pretendemos explorar um desses usos os das rezadeiras, mulheres que durante o período em estudo foram bastante procuradas pela comunidade local. Trataremos da cura pelo aspecto popular, longe do controle e das normas científicas e institucionais.

Fazer a abordagem da história da mulher sertaneja em uma produção não é algo fácil, pois em se tratando disso já temos aquela imagem estereotipada de uma mulher submissa ao homem, sem sua liberdade e masculinizada, pois a mesma é desprovida de vaidade, graças ao contexto em que está inserida, mas como veremos mais adiante muitos são os casos que rompe com esse pensamento.

A história cultural tem permitido lançar um olhar mais apurado sobre agentes que antes estavam à margem da produção historiográfica, principalmente a história das mulheres tem feito uma abordagem de outras fontes além das escritas “O que a história das mulheres vem fazendo é utilizar fontes iconográficas, religiosas, demográficas e folclóricas a fim de obter um conjunto mais diversificado de informações a respeito das práticas e dos valores das mulheres” (MARTINS, 2004, p. 67).

E é exatamente isso que pretendemos aqui, analisar um ofício, que é o de rezar como uma manifestação da cultura popular nordestina que foi exercido em Salgadinho em sua maioria por mulheres, nossa produção “reivindica a categoria mulheres como narradoras de histórias” (CAVALCANTE, 2011, p. 302).

Embora as duas rezadeiras aqui em evidencia já tenham morrido, vamos recorrer aos depoimentos de um grupo de mulheres que conviveram com elas, são as senhoras Ana e Lourdes Bezerras que pertenciam à família das duas, Gorete e Efigenia Fernandes conhecidas das duas que acompanhavam elas em suas celebrações comunitárias, a senhora Rosemira Maria que freqüentava a casa delas e a senhora Ester Mota que aprendeu a rezar com Júlia Neco e ainda hoje mantém essa tradição.

MULHERES DE FÉ: O PERFIL DA REZADEIRA COMUNITÁRIA





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Vale salientar que nosso objetivo aqui não é o de homogeneizar o ofício de rezar, mas de buscar na história dessas duas mulheres semelhanças entre si, sem esquecer o quanto nos deparamos aqui com uma prática plural. Para isso vamos apontar pontos que as duas tinham em comum. O primeiro era que por serem irmãs as duas vinham de uma família de rezadeiras.

Maria Santana que era mãe delas aprendeu a rezar com sua mãe e com o tempo ensinou a suas duas filhas, como Júlia Neco se casou tarde para a época teve mais tempo de aprendizado junto com sua mãe, diferente de Maria Bezerra que casou aos 16 anos e foi logo morar com o seu marido, percebemos aqui a importância das fontes orais para o estudo das práticas das rezadeiras, pois se trata de um ofício onde a oralidade associada à memória se tornam essências não só no aprendizado, mas também no exercício do mesmo.

O segundo ponto em comum entre elas era sua jornada de trabalho múltiplo, pois eram donas de casa e mães de família, passavam parte de seu tempo dedicadas a agricultura e cuidado com os animais da família e em meio a todo esse ritmo do dia ainda encontravam tempo para atender quem vinha a sua casa em procura de suas rezas e seus conhecimentos sobre uso de ervas e chás, sem falar que alguns doentes não podiam vir a casa da rezadeira elas prontamente iam a casa do doente rezar.

O terceiro ponto em comum entre elas era sua devoção aos santos uns do catolicismo oficial era comum na casa delas ter várias imagens como a Sagrada Família, Coração de Jesus, inúmeras imagens relacionadas à Maria, mas também podemos encontrar imagens de frei Damião e seu companheiro de missões frei Fernando e o conhecido padre Cícero, demonstrando que esse ofício é resultado de uma crença popular que escapa ao controle da Igreja.

O quarto ponto em comum era que como residiam em uma comunidade marcada pela ausência de médicos e padres essas mulheres irão suprir a ausência desses dois profissionais por meio do conhecimento de rezas associadas às rezas, e sua atuação não estava restrita ao lar, pois elas rezavam novenas, faziam procissões, conduziam velório e sepultamentos, e por serem alfabetizadas faziam a leitura da Bíblia.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

O quinto ponto em comum entre elas era que tratamos aqui de mulheres viúvas, que se casaram, mas que perderam o seu marido muito cedo ficando assim com sua pensão, em um contexto de pobreza muitas pessoas costumavam ir a casa de uma delas não só em busca de seus conhecimentos, mas também de uma refeição para si ou alguma coisa de comer para levar para casa.

O sexto ponto em comum tem relação com o anterior que pelo fato de ficarem viúvas essas mulheres tiveram responsabilidade de conduzir suas famílias, tratamos, pois aqui de duas famílias matriarcais, onde a mãe teve que arcar com toda a responsabilidade familiar sem a presença do marido, isso dificulta ainda mais o exercício do ofício.

Oitavo ponto em comum entre elas era o reconhecimento por parte da comunidade dessas mulheres, não só na época como ainda hoje foi comum nos relatos emocionados o sentimento de saudade delas, gratidão pelas curas relatadas, decepção por não ter mais rezadeiras onde elas moravam, se fizeram presentes nos relatos que conseguimos expressões como “boca santa”, “reza forte”, “mulher santa”, entre outros que demonstram como essas mulheres conquistaram o poder.

Nono ponto em comum entre elas era que suas rezas não ficavam restritas as pessoas, no saber dessas duas mulheres elas aprenderam também o cuidado com os animais, pois rezavam de vários males que os assolavam, era comum elas serem procuradas em caso de bicheiras, partos difíceis, desaparecimentos, infestação de carrapatos, fraturas de membros entre outros elas rezavam em roçados para impedir ou afastar as pragas e incêndios descontrolados para apagarem.

“BOCA SANTA”: AS IRMÃS REZADEIRAS

Para entendermos melhor essa parte fizemos a divisão em duas partes. Na primeira falamos sobre a vida de Júlia Bezerra e como ela aprendeu o ofício de rezar, e no segundo apresentamos a vida de sua irmã Maria Bezerra.

Júlia Neco: rezadeira mais experiente





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Júlia Bezerra foi uma rezadeira que atuou no município de Salgadinho – PB, mais precisamente ela fixou residência na comunidade de Olho d'Água, zona rural do município, casou-se muito nova com o senhor Sebastião Gomes de Araújo conhecido como *Paizim Neco*, ficando logo viúva ela criou filhos do primeiro casamento de seu marido que eram seus sobrinhos, contam os familiares que sua irmã antes de morrer pediu que ela cassasse com o seu marido e cuidasse de seus filhos, dona Júlia Neco, como ficou mais conhecida não teve filhos.

Segundo os familiares começou a rezar muito cedo, era neta de uma rezadeira, e filha de outra conhecida como Maria Santina Bezerra, foi com essa mulher que ela aprendeu a rezar e por ser a mais velha das irmãs ela teve facilidade de aprender mais, já que sua irmã Maria Bezerra, conhecida como Noquinha também era rezadeira, mas era considerada pela comunidade como uma rezadeira menos experiente que sua irmã, pois dona Júlia rezava de mais doenças que sua irmã de uma forma que era bastante procurada

Maria Santina: não deixe o ramo cair.

Maria Santina de Bezerra dos Santos, foi uma mulher sertaneja que morava no município de Salgadinho – PB, nascida em 21 de janeiro de 1921, filha de uma rezadeira Santina Maria da Conceição, que casou com senhor José Maria de Bezerra um homem influente que na década de 60 foi um dos responsáveis pela emancipação política de Salgadinho, dona *Noquinha* como ficou conhecida pela comunidade trabalhou desde cedo fato que a afastou da escola, não sabia ler casou muito cedo aos 16 anos de idade e teve 16 filhos.

Residiu durante muito tempo na comunidade de Olho d'Água, aprendeu o ofício de rezadeira com sua mãe e com a sua irmã Júlia Neco, passou toda sua vida dividida entre a agricultura a sua família e o ofício de rezar, ela faleceu em 12 de dezembro de 2009 em Assunção, está enterrada em Salgadinho no cemitério a sede do município. Foi por meio do saber dessa mulher simples que inúmeras pessoas encontraram o alívio.

COM O RAMO NA MÃO E A PALAVRA NA BOCA





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Para que haja um melhor entendimento de nossa pesquisa dividimos essa parte, em três na primeira iremos responder a seguinte pergunta: de que elas rezavam? Tentando fazer um levantamento das principais doenças populares que afligia a população local; na segunda iremos responder a seguinte pergunta, com que elas rezavam, aqui buscaremos os usos desenvolvidos por Júlia Bezerra e Maria Santana para chegar a cura; e por ultimo iremos responder a seguinte pergunta, quais eram suas rezas. Nessa parte iremos mergulhar fundo no universo mítico da rezadeira e nos depoimentos que usamos para construção de nossa pesquisa.

A fé vem pelo ouvir: as rezas

Aqui podemos perceber como a oralidade é importante na cultura local, pois tratamos aqui de um ofício que era aprendido pelo ouvir e que eram transmitidos de uma pessoa para outra, é na cultura dos povos iletrados que “a oralidade que toma corpo e foi através dela que a prática da reza foi transmitida de geração para geração, pois não há outra fonte que represente melhor suas práticas” (BARBOSA, 2016, p. 14)

Já sobre as rezas, percebemos que essas fazem parte do cotidiano do povo sertanejo, pois nessa cultura que tem uma forte inclinação religiosa, essas orações são:

Súplicas dirigidas a Deus ou aos santos, segundo fórmulas que não devem ser usadas comumente (...) outras orações-fortes, ou estas mesmas, são rezadas em momentos de aflição extrema, como remédio salutar e supremo para a sua resolução. (CASCUDO, 2000, p. 550).

Segundo os depoimentos dos moradores locais ela rezava de “olhado”, um mau que segundo o pensamento popular era causado pelo olhar das pessoas más e atingia muitas pessoas, rezava também de várias dores como de dente, de cabeça e de “espinhela caída”, “peitos aberto” e “arcas emborcadas” que são dores na região da coluna e nas costelas. Rezava de “amorto”, de “carne triada”, de “nervo torto”; e seus cuidados se estendiam aos animais ela praticava a chamada cura pelo rastro que consiste em curar um animal doente por meio de sua pegada e também rezava em roçados e em “mordiduras” de animais como cobras, por isso se tornou uma mulher muito procurada.

4.2. Com o poder nas mãos: os instrumentos de cura





Pelo tópico anterior percebemos que era vasto o campo de doenças que eram rezadas por Júlia e *Noquinha*, e se eram vasto o campo de doenças também era vasto os usos feitos por ela durante o processo de cura, pois para cada doença era um uso diferente, a senhora Maria Gorete quando perguntada sobre o que elas usavam para rezar ela nos responde: “De “olhado” ela pegava um ramo, ramo de *bassorinha*, de pinhão”, já de sol e lua na cabeça a senhora Efigênia Fernandes nos diz que elas:

pegava uma garrafinha d’água assim e dobrava uma toalha ai *butava* assim no *mei* da cabeça ai ela ficava rezando, rezando *oxe* chega subia aquela espuma assim dentro do vidro e agente sentia aquela *quintura* na cabeça era como fogo ai ela rezava com um vidro ela chega espalhava, ia espalhando e esfriando ai quando ela terminava de rezar a pessoa já ia esfriando.

De *espinhela caída* a senhora Rosemira nos conta “que media agente, media com um pano ou toalha ai rezava, mandava agente ficar assim, (levantando os braços e descendo), era assim levantando e abaixando três vezes ai agente ficava boa”, o saber fazer de cura de “*espinhela caída*” envolvia primeiro era medida com um pano para mostrar a abertura da mesma depois de rezar media novamente para mostrar que fechou. De *carne tríada* enquanto elas rezavam ia costurando um pano que depois era colocado nos pés de um santo de seu altar. Já de *ventre caído* que era uma doença que atingia as crianças

Ela (Júlia Bezerra) botava assim no *mei* da porta de perna pra cima ai eu sei que ela levantava e encostava até em cima as duas perninhas do menino, pegava assim ai encostava, ai ela levantava ai abaixava de novo, ai sei que levantava de novo, sei que levantava três *veis* o menino. A criança sente dor na barriga e a *obra* dele é verde da cor desse *bichim* ai (apontando para uma pia verde), é verdinha, chega fica esfarelada todinha esfarelada.

Muitas outras práticas se perderam no tempo, pois nossos entrevistados não lembram mais e infelizmente dentre os familiares delas que deram continuidade a tradição da família de rezar foi apenas uma de suas filhas que já faleceu também.

4.3. Com a palavra nos lábios: as rezas

Como eram diversas as doenças que eram rezadas pelas irmãs rezadeiras, acreditamos que muitas eram as rezas que eram feitas por elas no exercício do ofício, engraçado que ouvimos muito das pessoas entrevistadas que não se lembravam mais das





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

rezas, mas as poucas que chegaram ao nosso conhecimento iremos descrever aqui. De *olhado* segundo a senhora Gorete a reza era assim “com dois te *butaram*, com três eu te tiro com as três pessoas da santíssima trindade, é pai, filho, espírito santo; amém”, essa era uma reza freqüente pequena e fácil de decorar por isso foi facilmente memorizada e chegou até nosso conhecimento.

Já de *espinhela caída*, *arcas emborcadas* e *peito aberto* embora as pessoas tendo rezado muitas vezes não memorizaram a oração por completo, mas como dona Júlia tinha o hábito de fazer um saquinho com a oração, e pedir para a pessoa pendurar no pescoço, a senhora Maria Gorete conservou um saquinho e acreditamos ser a mesma reza de Maria Bezerra, pois elas eram irmãs que aprenderam a rezar com a mesma pessoa e nos permitiu abrir e no papel estava escrito uma oração que dizia assim;

Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado nossa mãe Maria santíssima.

Oração milagrosa. Quando Deus no mundo andou, muitas doenças ele curou, arca e espinhela caída Jesus Cristo levantou *ou* vinde mãe Imaculada levantai as arcas e espinhelas de Maria, peito rendido Jesus Cristo levantou *ou* vinde mãe Imaculada levantai a espinhela de Maria com o poder de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, deixando Maria salva, sã, e curada.

Assim como estava Jesus no ventre da Virgem Imaculada. Amém.

Muitas eram as orações usadas por elas no ofício de cura, mas com o passar do tempo percebemos que na memória da população local essas já não são revividas de forma clara, já que muitos só estavam em busca de cura e não de aprenderem o saber para dar continuidade. Mas com o que recuperamos esperamos demonstrar a importância que teve a atuação dessa mulher para a comunidade local.

CONCLUSÃO

Dona Júlia e sua irmã Maria Santana são um claro exemplo de mulher sertaneja que foram criadas em um espaço onde a dominação masculina era quase hegemônica elas nessa sociedade conquistaram o espaço de poder para si, sendo mais reconhecidas na comunidade que os seus respectivos maridos.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Com a palavra ora aprendendo o ofício de rezar com sua família, ou buscando a cura para aqueles que na comunidade marcada pelo desprezo dos governantes buscavam em seus conhecimentos a cura para seus sofrimentos foram essas mulheres que marcaram uma geração por meio de sua fé e seus exemplos na comunidade que atuaram.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O Sexo Devoto: normatização e resistência feminina no império Português**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes: **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **Cultura e Tradição Nordestina: ensaios de história cultural e intelectual**: João Pessoa, Ed. Manufatura/ Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte (Org). **Cenários Históricos e Educativos: sertão, questão indígena e espaço do saber**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

BARCELOS, Lusival: **Práticas educativas-religiosas dos Potiguaras da Paraíba**: Editora da UFPB, 2014.

BOSI, Ecleá: **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operários**. 12. Ed. Vozes, 2008.

_____: **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**; 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter: **Variedade de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara: **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 8 ed. São Paulo: Global, 2000.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

CHARTIER, Roger: **A História Cultural Entre Práticas e Representações**; Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.

HALBWACHS, Maurice: **A Memória Coletiva**; tradução de Beatriz Sidou; São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques: **História e Memória**; trad. de Bernardo Leitão... [et al.]. 5 ed, Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

MENDONÇA, Antônio G. *et al.* **Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil**. São Paulo: Ed, Paulinas, 1984.

PERROT, Michele: **Os Excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**; tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____ : **Minha História das Mulheres**; trad. de Angela M. S. Côrrea. 2 ed, São Paulo: Contexto, 2016.

SANTANA, Flávio Carrero de, MONTEIRO, Luíra Freire (orgs.). **História: leituras do passado, escrita do presente**, João Pessoa: Ideia, 2016.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FONTES ORAIS

BEZERRA, Ana. ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

LIMA, Maria de Lourdes dos Santos. ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

NOBERTO, Ester Mota de Farias. ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

OLIVEIRA, Maria Gorete Fernandes. ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

SANTOS, Efigênia Fernandes dos. ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

SOUSA, Rosemira Maria de. ENTREVISTA CONCEDIDA AO AUTOR.

